

Ensino/aprendizagem de Português como Língua Estrangeira/PLE: compreendendo a língua a partir da cultura baiana

Maria Goretti dos Santos Silva

Mestrado em Linguagens e Representações - UESC
go23ss@yahoo.com.br

Maria D'Ajuda Alomba Ribeiro

Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade de Alcalá – Professora da UESC
dajudaalomba@hotmail.com

Resumo

Este artigo tem por objetivo geral apresentar algumas contribuições da diversidade linguística da cultura baiana no processo ensino/aprendizagem do Português como Língua Estrangeira, através de uma canção. A metodologia se apóia na pesquisa bibliográfica de autores que discutem a interface entre língua e cultura como ALMEIDA FILHO (2002), PARAQUETT (1998). Para tanto, constatou-se que compreender o processo ensino/aprendizagem de uma LE ou L2 a partir de aspectos regionalistas favorece um desenvolvimento mais apurado do aprendiz em relação à práxis linguística.

Palavras-Chave: Português como língua estrangeira, Cultura baiana, Diversidade linguística.

Abstract

This article's goal is to overall objective is to present some contributions of linguistic diversity of Bahia culture in the process of teaching/learning of Portuguese language as Foreign Language by using a song. The methodology is supported by bibliographic search of authors who discuss the interface between language and culture as ALMEIDA FILHO (2002), PARAQUETT (1998). So, it became evident that understanding the process of teaching/learning of a LE or L2 starting from regional aspects, helps the developing of better apprentice of linguistic praxis.

Keywords: Portuguese as foreign language, culture of Bahia, linguistic diversity.

1 Introdução

As diversas comunidades linguísticas que constituem a nação brasileira são resultantes da composição heterogênea dos muitos povos, os quais a formaram e continuam formando, haja vista a dinamicidade da língua e da

cultura. Desse modo, tomando por viés o Brasil, observa-se a crescente demanda do ensino/aprendizagem do Português como Língua Estrangeira, em consonância com as peculiaridades da cultura nacional, que propagam os fatores multiculturais que permeiam e sedimentam o diálogo dessas “entre - culturas”, (MENDES 2007 , p. 19).

Para tanto, oportunizar ao aprendiz o acesso a uma Língua Estrangeira (doravante LE) favorece o desenvolvimento de uma ação emergente em todas as sociedades, já que a globalização beneficia a comunicação entre os povos, possibilitando o conhecimento de diversas culturas (hábitos, costumes), construindo um processo de respeito às diversidades sociais, históricas e culturais reveladas como identidade.

Não obstante, o mundo moderno se firma através de constantes transformações, seja no âmbito político, social, de valores, dentre outros. Desta forma, as mudanças organizacionais do cenário que compõe a identidade cultural e linguística de um povo tendem a dar suporte à busca do conhecimento de uma segunda língua (doravante L2) e a utilização de instrumentos que ajudem a atingir os objetivos propostos, em conformidade com os valores de respeito, em ações de multiplicidade cultural e hibridação da língua.

Assim, considera-se primordial observar as diferenças culturais, aceitá-las e, sobretudo, respeitá-las para que haja um re-conhecimento e apropriação do que é do outro, sem perder as marcas identitárias que constituem cada grupo específico, de tal maneira que “um banho cultural com aquele provocado pela situação de aprendizagem de uma língua faz desencadear uma reorganização da identidade” (BRUN 2004, p.81).

Hall (1999) defende que a globalização tem um efeito contestador e deslocador das identidades centradas e fechadas de uma cultura nacional. Esse efeito verdadeiramente pluralizante altera as identidades fixas e inflexíveis. Portanto, no ensino/aprendizagem de línguas se deve considerar a construção do conhecimento a partir das bases sistêmicas, bem como da base pragmática, as quais norteiam a mobilidade da LE.

De acordo com Almeida Filho (2002, p. 12):

“Essa nova língua pode ser tida em melhor perspectiva como língua que também constrói o seu aprendiz e em algum momento futuro vai não só ser falada com propósitos autênticos pelo

aprendiz, mas também 'falar esse mesmo aprendiz', revelando índices da sua identidade e das significações próprias do sistema dessa língua-alvo".

Quando o aprendiz reconhece a cultura do estrangeiro, observando e valorizando o que é do outro e o que é seu, distancia-se do perigo da estereotipação. Isto é, aprender uma língua é estar em conexão direta com a cultura dessa língua-meta. Para tanto, as aulas de LE podem se transmutar em um espaço de trocas de experiências contemporâneas, e é no processo de ensinar e aprender uma LE/L2 que se possibilita ampliar o conhecimento da cultura do outro e da sua própria cultura.

Destarte, ensinar uma LE, como o Português do Brasil, ganha uma nova roupagem, e tende a se propor mais dinâmica e acessível, já que as aulas, ao centrarem-se em um procedimento de "imersão"¹ cultural, viabilizam o conhecimento mais pleno da língua, perdendo o caráter superficial de reproduzir normas e condicionar-se às propostas fechadas de manuais.

Bhabha (1998, p.19) explicita que "as fronteiras da cultura nacional estão abertas, enquanto as vozes de dissenso permanecem individuais e se fecham quando aquela cultura é ameaçada pelo dissenso coletivo..." Por isso, conhecer a cultura de um país é tão importante para se ensinar e aprender uma língua estrangeira quanto a própria língua, posto que não é possível separar língua e cultura, ambas indissociáveis, já que é através da diversidade cultural, partindo do conhecimento do novo, que se pode alcançar êxito na compreensão e apreensão da língua-meta.

Partindo desse princípio de que ensinar uma língua estrangeira é ensinar também a cultura que a contextualiza, o aprendiz experencia com maior consciência os aspectos relacionados a essa cultura, os quais condensam a identidade do estrangeiro. Não obstante, faz-se relevante conhecer sua linguagem gestual, sotaques, dialetos, marcas culturais, signos de uma língua mais flexível, contextual e diversificada. "Além do mais, devemos considerar que o objeto da aprendizagem de línguas, a própria língua, também não é

¹ Vale ressaltar que o termo "imersão", durante o decorrer desse artigo, não estará diretamente ligado ao fato de o aprendiz está fisicamente no território estrangeiro, para adquirir a LE alvo, como assevera Krashen (1973), pois com o advento das TICs, essa imersão pode se dar de outras formas, sem necessariamente haver esse deslocamento físico.

estático, mas dinâmico, e se constitui em um sistema complexo em constante mutação” (PAIVA 2005, p. 38).

Pode-se, assim, observar que há importância entre as representações da Língua Materna (doravante LM) para o aprendizado da Língua Estrangeira, pois as línguas se interrelacionam e desse fator resulta o discurso e o enunciado produzidos pelos aprendizes.

Assim, como corrobora Mendes (2004, p. 12):

“O que importa, e é isso que aqui defendemos, é pensar a língua como entidade viva, que se renova a cada momento, que se multiplica e auto-organiza através do seu uso pelos falantes e pelo contato com outras línguas; língua que é ao mesmo tempo, reflexo da cultura e também instrumento da construção e afirmação da cultura, marcando e sendo marcada por ela”.

De tal modo, a língua brasileira se constitui de maneira muito dinâmica e idiossincrática, pois “O painel das diferenças linguísticas no Brasil completa-se com os diversos linguajares regionais, que utilizam o português como língua, porém com pronúncias, vocabulários e particularidades tão variadas que constituem verdadeiros dialetos” (MARCUSCHI 2004, p. 29). E é esta peculiaridade do Português Brasileiro (doravante PB) empregada em tantos países, estados, cidades ou mesmo nos vários guetos que compõem o global e o local, que corrobora para a fundamentação do princípio de que a língua é viva e está sempre em processo de mutação e adaptação contextual. Ou seja, o PB se configura como uma língua mesclada por tantas outras línguas, uma cultura composta por tantas outras culturas, sedimentando os aspectos multiculturais brasileiros.

Para tanto, o presente artigo tem por objetivo geral apresentar algumas contribuições linguístico-culturais, através de um texto literário (gênero canção), corroborando com as muitas possibilidades de explorar, nas aulas de PLE, a diversidade linguística da cultura baiana como instrumento auxiliador no processo ensino/aprendizagem de uma LE, favorecendo a percepção do aprendiz em relação à multiculturalidade brasileiro-baiana.

Não se trata, contudo de focar a literatura pura e simplesmente para se aprender outra língua, mas utilizar especificidades regionalistas da Língua Materna, nesse caso o Português/Brasileiro, para auxiliar o desenvolvimento da aprendizagem da LE, ou seja, tecer o conhecimento a partir de uma perspectiva mais pragmática.

Diante desse pressuposto, questiona-se como o estudo de um texto literário pode contribuir para que o aprendiz estrangeiro desenvolva seu processo ensino/aprendizagem de PLE, observando as peculiaridades da cultura baiana?

Para tanto, pode-se hipotetizar que a utilização de textos literários da cultura baiana tende a facilitar o desenvolvimento da aprendizagem de PLE, pois o reconhecimento de aspectos da cultura contribuirá para esse processo de ensino/aprendizagem de forma mais pragmática, uma vez que aprender uma LE, ressaltando seus aspectos dinâmicos, conduz o aprendiz a um conhecimento globalizado, e não mais fragmentado por, tão somente, estruturas teórico-gramaticais.

Assim, o ensino/aprendizagem de PLE não só se configura como desenvolvimento cultural, uma vez que o aprendiz ao entrar em contato com a língua objeto se vê envolto por sua cultura, como também com o enriquecimento do capital linguístico do cidadão do mundo atual, que vive no contexto do multiculturalismo e da interculturalidade.

O meio social, portanto, se constitui como fator preponderante para que o conhecimento seja uma práxis concreta e indispensável do ser-aprendiz. Para tanto, aprender uma LE requer, não só o conhecimento de regras e normas, mas a inserção ou imersão na cultura do outro, a fim de que haja uma complementaridade com o objeto de estudo, ampliando o fomento dos atos de ensinar e aprender de forma que englobe a língua, a cultura, costumes, tradições, (BAGNO, 2007) peculiaridades de uma dada comunidade ou do país em questão.

A metodologia utilizada se apóia na pesquisa bibliográfica, a qual será realizada a partir da fundamentação teórica advinda de leitura sistemática e reflexiva de livros e artigos. Seguindo, faremos a interface entre língua e cultura, partindo da visão de alguns teóricos, a fim de melhor fundamentar o objetivo dessa pesquisa. Por fim, analisaremos alguns exemplos práticos de textos literários para fundamentar a aprendizagem do PLE.

Faz-se relevante considerar, nesse artigo, os fatores multiculturais, os quais estão sendo viesados para o estudo regionalista de uma cultura micro, a baiana, a qual compõe a cultura macro, a brasileira. A partir da escolha

desse texto, elencar-se-ão os aspectos da cultura neles presentes, gerando um estudo de forma mais aprofundada, com um exemplo de como se pode desenvolver o ensino/aprendizagem do PLE, com vistas em uma "imersão" cultural.

2 Português como Língua Estrangeira - A Cultura da Língua

O processo de ensino aprendizagem do Português como língua estrangeira deve ser compreendido como uma via de acesso à cultura, não segregando os aspectos estruturais da língua, mas possibilitando a interação entre prática e teoria de forma dinâmica e bem mesclada, pois a linguagem se constitui a partir das práticas sociais.

Segundo Vygotsky (1987, p. 85):

"A linguagem como prática discursiva, isto é, como produções simbólicas, que se constituem nas práticas sociais histórico-culturalmente situadas e que, por sua vez, constituem essas práticas e, portanto, como ferramenta psicológica, uma vez é na e pelas práticas sociais que o conhecimento é construído".

A linguagem é um instrumento primordial de propagação da cultura de um povo, pois "a linguagem não é apenas uma representação de um mundo estabelecido independentemente. A linguagem é também este mundo" (DURANTI, 1997, p.337), pois assume a posição de facilitadora da aprendizagem, ou seja, a partir de expressões e/ou vocábulos pertencentes a um determinado grupo, pode-se abranger a aprendizagem da língua e da cultura de forma dinâmica e pragmática.

"Dessa forma, no dia-a-dia da sala de aula de línguas, o conhecimento "aberto" ou "escondido" enfatizado, as maneiras como esse conhecimento é trabalhado, as possibilidades e qualidade de participação de alunos e do professor na construção do conhecimento estão, intimamente, ligados aos princípios de controle social e cultural na sociedade" (MAGALHÃES 1996, p. 167).

Em um processo de aprendizagem, o aluno de uma LE/L2 está ideologicamente sob a ação dos princípios de controle social da L1, bem como da língua-meta, ou seja, as marcas identitárias que compõem as sociedades e suas culturas prevalecerão no tocante às possibilidades de participação dos sujeitos envolvidos na construção do conhecimento.

É na experiência da troca que o processo de interação se faz. É a partir da aceitação do outro, do reconhecimento do diverso, da quebra das barreiras com o diferente, que o aprendiz corrobora seus valores pessoais e culturais,

contribuindo para que haja mudanças nos constituintes sociais do mundo contemporâneo.

Como explica Paraquett (2006, p. 46):

“A aula de língua estrangeira é um espaço privilegiado que possibilita o exercício da inserção sócio-cultural de nossos aprendizes em seu universo, ou melhor, no mundo contemporâneo. Ela é um laboratório para o amadurecimento, o reconhecimento e a aceitação do *eu* e do *outro*. Mas ela pode ser muito perigosa quando se restringe a marcar as diferenças. É na aprendizagem de uma língua estrangeira que rompemos barreira com o estrangeiro. Mas é preciso que essa seja uma viagem feita com ida e volta. O perigoso é levar o *eu* ao *outro* e deixá-lo lá, sem trazê-lo de volta. Ensinar e aprender uma língua estrangeira é ensinar e aprender a ser o *eu* e não o *outro*”.

Por isso, conhecer a cultura de um país é tão importante no processo ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira quanto a própria língua, uma vez que partindo do reconhecimento da diversidade cultural, ou seja, da possibilidade de conhecer o novo, que se pode alcançar êxito na compreensão e apreensão da língua-meta.

Torna-se importante ampliar as possibilidades de acesso ao processo ensino-aprendizagem da LE, contextualizando os aspectos culturais como um instrumento indispensável, pois, a cultura é o meio de comunicação do homem e a forma de estabelecer relações e negociações de sentidos. “Ressalta-se, assim, a natureza multifacetada de nossas identidades, a ênfase na negociação de sentidos, na mutabilidade de papéis e na continuidade do processo de construção de identidade (MOTA 2004, p. 42).

Haja vista que a necessidade de relacionamento com pessoas de outras culturas é hoje mais evidente que nunca. Os choques entre sistemas culturais não se limitam às relações internacionais, mas sim dentro de um mesmo país, pois se convive em uma diversidade de culturas. Desta forma, a sala de aula tende a ser caracterizada como um espaço aberto, posto que é nesse processo interacional entre os sujeitos envolvidos na construção do saber que pode acontecer a intersecção entre cultura e sociedade.

De acordo com Benito (2002, p. 125):

“Cuando se aprende un idioma extranjero no sólo se aprende un sistema de signos, sino también los significados culturales de esos signos- de la interpretación de la realidad-. Solamente teniendo esto presente llegamos a alcanzar un uso efectivo de la lengua, que nos

permita entendernos, evitando las incomprensiones culturales de su lengua, a un lengua extranjera, y alejándonos de tópicos y estereotipos”.²

Os signos linguísticos só têm sentido se atrelados à cultura porque cada grupo, comunidade ou nação possui particularidades na linguagem que apenas ganha matiz se inserida em um determinado contexto, ou seja, o texto deve ser observado do ponto de vista empírico.

Destarte, a observação de textos que retratam a cultura baiana, por seu caráter regionalista, possibilita um aprofundamento cultural com bases linguísticas, posto que aprender dentro de um contexto facilita e favorece o aprendizado, já que não se voltou apenas para a construção de regras e observância da língua a partir de uma gramática estruturalista. O que se deve considerar é o objeto em estudo centralizado em um contexto de uma língua viva e usual, características estas presentes nos textos literários.

“Os textos escritos podem apresentar-se em prosa e poesia. Todos esses tipos de texto figuram nas unidades, com destaque especial para o texto literário, não só pelo que representa de aproveitamento dos recursos da língua, mas também pelas possibilidades novas e surpreendentes que abre em termos de observação e compreensão do mundo, das tradições da cultura” (TEIXEIRA & DISCINI 1999, p.9).

Portanto deve-se ter atenção aos textos literários que retratam, de forma peculiar, a vida e a língua de uma determinada comunidade linguística, pretendendo não ensinar PLE de forma abstrata, mas concreta e palpável.

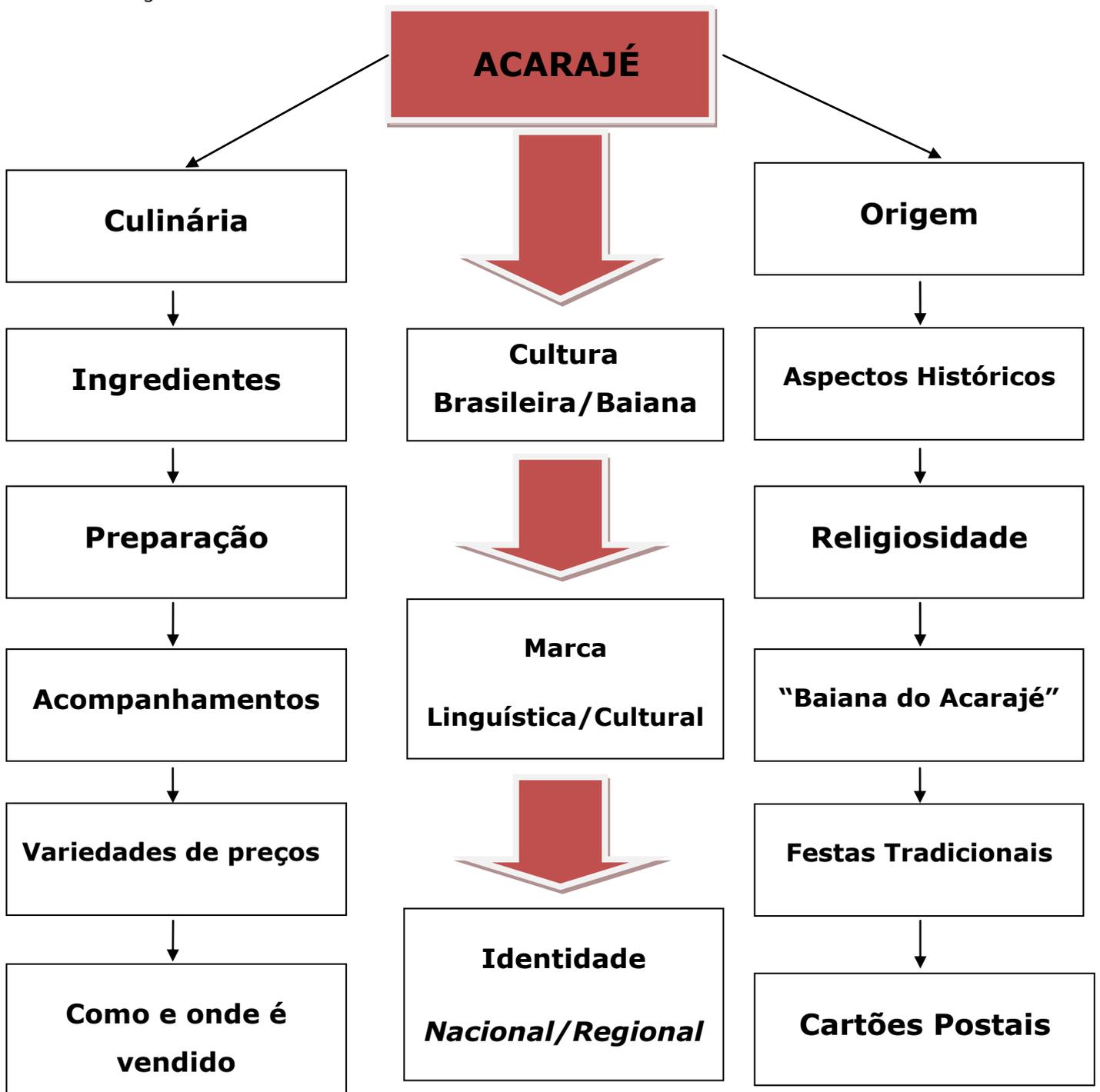
Veja abaixo, como exemplo, a canção “A preta do acarajé”, interpretada por Gal Costa. Um texto literário em forma de música, que enfoca uma linguagem regionalista e aborda um tema tipicamente baiano: A PRETA DO ACARAJÉ.

² “Quando se aprende um idioma estrangeiro não somente se aprende um sistema de signos, mas também os significados culturais desses signos – da interpretação da realidade -. Somente tendo isto presente, chegaremos a alcançar um uso efetivo da língua, que nos permita nos entendermos, evitando as incompreensões culturais de sua língua, e uma língua estrangeira, e distanciando-nos de tópicos e estereótipos” Tradução de Benito (2002, p.125).

*Dez horas da noite
Na rua deserta
A preta marcando
Parece um lamento
É o abará
Na sua gamela
Tem molhos e cheiros
Pimenta da costa
Tem acarajé
Ô acarajé tem cor
Ô lá la io
Vem benzer
Tá quentinho
Todo mundo gosta de acarajé
Tem acarajé
Ô acarajé tem cor
Ô lá la io
Vem benzer
Tá quentinho
Todo mundo gosta de acarajé*

A partir da letra da música, o item A PRETA DO ACARAJÉ é exposto de forma abrangente, como demonstra o organograma seguinte:

3



³Figura 1. Cultura baiana - A PRETA DO ACARAJÉ

Analisando a figura 1, faz-se possível observar que partindo do estudo do vocábulo ACARAJÉ, específico da cultura baiana, muitos aspectos culturais podem ser trabalhados de forma dinâmica e concreta.

- Culinária baiana – conhecida por ser muito apimentada e tem grande variedade de temperos fortes;
- Ingredientes para o acarajé: feijão fradinho, condimentos, temperos, azeite de dendê, dentre outros;
- Preparação: todos os passos da confecção do alimento;
- Acompanhamentos: vatapá, caruru, camarão, salada, dentre outros;
- Variedades de preço: a depender da cidade e do período, os preços variam entre R\$ 2,00 a R\$ 15,00;
- Como é vendido: nos tabuleiros de baianas;
- Origem; comida oriunda da África, trazida por negros, africanos e escravos do período do Brasil colônia;
- Aspectos históricos: história do Brasil colonial;
- Religiosidade: Candomblé – religião dos africanos trazidos para o Brasil no período colonial para serem escravizados;
- Baiana do Acarajé: todos os aspectos culturais que envolvem a baiana (roupas, ritos, etc.);
- Festas tradicionais – a marca identitária da Bahia que é mundialmente conhecido – O CARNAVAL;
- Cartões postais da Bahia: cidades turísticas, atrativos naturais e culturais, a capital Salvador, dentre outros.

O exemplo da Figura 1 demonstra como os aspectos culturais podem ser trabalhados nas aulas de PLE, embasando as marcas linguísticas e culturais, em um processo de aprendizagem e respeitabilidade da língua e da cultura do outro, tendo em vista o caráter identitário de uma determinada comunidade linguística.

Segundo as Orientações Curriculares Estaduais para o Ensino Médio:

“Trata-se de desenvolver formas de apropriação para uma melhor leitura das culturas, considerando-se as mesmas como entidades dinâmicas e mutantes, inseridas no tempo e no espaço. Esta compreensão conduz a uma perspectiva relacional da alteridade na percepção do outro e também da sua própria cultura, na formação de uma atitude de

respeito à identidade de cada povo e a diversidade existente entre as culturas, sem estabelecer hierarquias entre as mesmas” (BRASIL 2008, p.9).

A cultura ganha força no cenário nacional por sua ampla diversidade seja nos aspectos da culinária, de festas, de cartões postais, dentre outros e por isso se torna um diversificado “produtor” de aspectos que alargam o conhecimento seja de forma sistêmica, seja de forma empírica.

De acordo com a sociolinguística, toda língua é adequada à comunidade que a utiliza, e é um sistema completo que permite a uma dada comunidade social expressar seu mundo físico e simbólico. O que deve, portanto, considerar-se é que não há uma língua inferior ou superior à outra, os julgamentos que excluem ou elevam são de natureza política e social.

Nesse contexto, partindo da experiência da educação multicultural, cujos interagentes – aluno e professor – ganham voz ao expressar as suas peculiaridades culturais, faz-se perceptível que toda cultura é por excelência híbrida, de maneira que sofreu, sofre e sofrerá influências de outras culturas. Isto significa que não pode haver supremacia de uma língua sobre outra, porque as culturas são resultados da mistura de outras culturas.

E em se tratando do ensino de PLE, o aprendiz quando apresentado à heterogeneidade cultural, assim como as variações regionalistas que formam a língua brasileira, tende a não estabelecer juízo de valor em relação às diferenças dialetais, o que ainda está muito impregnado ideologicamente e nas atitudes excludentes de brasileiros para com os próprios conterrâneos.

Para Camacho (2003), a variação pode ocorrer em qualquer nível de análise: fonológico, morfológico, sintático, semântico ou lexical. Preti (1999, p.31-32) afirma que há algumas diferenças do ponto de vista da estrutura morfossintática entre as variantes culta e popular:

| VARIANTE CULTA | VARIANTE POPULAR |
|--|--|
| Indicação precisa das marcas de gênero, número e pessoa. | Economia nas marcas de gênero, número e pessoa. (Ex.: Essas pessoa não tem jeito.) |
| Correlação verbal entre tempos e modos. | Falta de correlação verbal entre tempos e modos. (Ex.: Se encontrasse ela agora, contava tudo.) |
| Maior utilização da voz passiva. | Maior emprego da voz ativa, em lugar da passiva. (Ex.: "Um carro pegou ele" em lugar de "Foi atropelado por um carro") |
| Organização gramatical cuidada da frase. | Simplificação gramatical da frase, emprego de bordões do tipo: então, aí, etc. |
| Variedade da construção da frase. | Emprego dos pronomes pessoais reto como objetos (Ex.: Vi ele, encontrei ela...) |

Fonte: PRETI (1999 p.31-32).

A apresentação dessa diversidade poderá favorecer para uma apreensão de novos conhecimentos de maneira profusa, uma vez que a língua estará associada à práxis social e a toda a dinamicidade linguística que está presente no contexto de todos os brasileiros, valorizando assim a cultura/língua meta. Advindo de tal ação, os conhecimentos são agregados de valores multiculturais, e mesmo interculturais, pois a cultura se configura como um mecanismo concreto de difusão de saberes linguísticos.

As variedades linguísticas relacionadas ao contexto, as quais também são chamadas de variedades estilísticas ou de registros demonstram a diversificação dos falantes em relação a sua fala, dependendo do contexto social ao qual estão inseridos, pois para cada situação verbal há um estilo linguístico diferente.

Preti (1999) também denomina essa variação como estilística, no sentido de que o falante, conforme a situação escolhe um estilo que julga mais conveniente para expressar seu pensamento, dependendo do contexto que está inserido no momento da fala.

Há um condicionamento de uma série de fatores que estão diretamente relacionados às marcas identitárias do falante, assim como à organização sociocultural da comunidade linguística como: classe social, idade, sexo, situação social.

Observe no quadro abaixo a variação semântica da expressão “porra” comumente utilizada no vocabulário baiano, denotando seus diferentes aspectos:

- Me dê essa *porra* aí, essa minina!
- Ó, não se saia não que eu lhe pico a *porra*, viu!
- Que *porra* é essa?
- *Porra!* (exclamando)
- *Porra!!* (xingando)
- Você não vai *porra* nenhuma pressa festa, sua nigrinha.
- Êita *porra!*
- Volte aqui, sinhá *porra!*
- Esse acarajé tá gostoso como a *porra*.
- Viu só que sujeito alto? Grande como a *porra!*
- Bela *porra!*
- Fique com sua *porra*, não quero mais não!

Ao verificarmos no dicionário Essencial da Língua Portuguesa⁴ o significado do vocábulo “porra” tem-se as seguintes denotações:

- (ô) Chulo
Substantivo feminino.
1. Sêmen; esperma.
 2. Fig. Coisa ruim ou desagradável: *o filme foi uma porra!//* interj.
 3. Indica contrariedade e desagrado: *porra! mais impostos?!*

Conforme assevera Fiorin:

“O significado não é, então, a realidade que ele designa, mas sua representação, sendo o significante o veículo do significado. Nesse sentido, a significação é, então, uma diferença

⁴ Dicionário Essencial da Língua Portuguesa. Luiz Antonio Sacconi. São Paulo: Atual, 2001. p. 732.

entre um signo e outro signo, pois o que existe na língua é a produção e a interpretação de diferenças” (FIORIN 2003, p. 34).

Assim sendo, o processo de ensino/aprendizagem do PLE, a partir de um procedimento de imersão na cultura brasileiro-baiana desperta no aprendiz as muitas possibilidades semânticas, como resultado de uma variação que se fundamenta na informalidade da situação.

3 Considerações Finais

A língua e a cultura estão intimamente ligadas. Não se pode pensar na aprendizagem de uma LE/L2 sem adentrar-se na cultura do outro, nas composições histórico-sociais que compõem a língua-meta, sem perder a noção do próprio espaço, mas reconhecendo que é a partir da diversidade que se deve levar em conta o processo de respeitabilidade, sobretudo, sem construir uma imagem estereotipada do que é do outro.

Para tanto, essa pesquisa teve por base as contribuições que a cultura e a literatura desempenham para o desenvolvimento do processo ensino/aprendizagem, em uma contextualização sócio-cultural e linguística do Português como Língua Estrangeira, fundamentado pelo método bibliográfico, o qual buscou verificar como e de que forma a literatura da Bahia contribui de maneira concreta, para que o aprendiz compreenda esta LE/L2 em um processo de “imersão” na cultura brasileiro-baiana.

Portanto, o ensino de Português como Língua Estrangeira ao focar as variações linguísticas brasileiras, como um fator pragmático de enriquecimento cultural para o aprendiz, favorece a exposição das muitas formas que o português do Brasil, continuamente, ressignifica no cotidiano de cada região.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos P. de. (2002) *Dimensões Comunicativas no ensino de línguas*. 3ª ed. Campinas, SP: Pontes.

BENITO, A.B.G. (2002) *La cultura en la enseñanza del portugués lengua extranjera*. Anuários de Estudos Filológicos. Vol. XXV, 119-135.

BRASIL (2008), Secretaria de Educação Básica. *Orientações curriculares para o ensino médio*; volume 1. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação.

CAMACHO, Roberto Gomes. (2003) Sociolinguística. Parte II. In: CECÍLIO, Sandra Regina; MATOS, Cleusa Maria Alves de. *Revisitando o livro didático: a variação linguística e o ensino de língua*.

Disponível em: [HTTP://www.uel.br/revistas/entretextos/pdf6/5.pdf](http://www.uel.br/revistas/entretextos/pdf6/5.pdf).

Acesso em: 15 de set. 2008.

DURANTI, A. (1997) *Linguistic anthropology*. Cambridge University Press.

FIORIN, J.L. (2003) Polifonia textual e discursiva. In: BARROS, D. L. P. de; FIORIN, J.L. (Orgs.) *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. 2.ed. São Paulo: Edusp.

MAGALHÃES, S.C.C. (1996) *Pesquisa em formação de educadores: A pragmática como negociação de sentidos*. Cadernos de Linguística Aplicada. São Paulo.

MARCUSCHI, L. A.(2004) *Interação, contexto e sentido literal*. Investigações: Linguísticas e teoria literária. Recife,v.17, n.02, p.19-46.

MENDES, E. (2007) A perspectiva intercultural no ensino de línguas: Uma relação "entre - culturas". In: ALVAREZ, M. L. O. & SILVA, K. A. (orgs.) *Linguística aplicada: múltiplos olhares*. Brasília, DF: UnB – Pontes.

PARAQUETT, M. (2006) *Abordagem Multicultural e formação de leitores na aprendizagem de Espanhol Língua Estrangeira*. (E/LE) (prelo).

PAIVA, V. L. O. (2005) Modelo fractal de aquisição de línguas. In: BRUNO, Fátima T. C. (org.) *Ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras: reflexão e prática*. São Paulo: Claraluz.

PRETI, Dino. (1999) *Sociolinguística*. Os níveis de fala. São Paulo: EDUSP.

TEIXEIRA, L. e DISCINI, N. (1999) *A leitura do mundo*. São Paulo: Editora do Brasil.

VYGOTSKY, L.S. (1987) *Pensamento e Linguagem*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes.